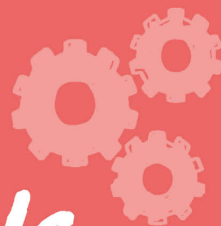


ALI HAZELWOOD

AUTORA DE A HIPÓTESE DO AMOR

# Odeio te amar



CAPÍTULO  
EXTRA  
EXCLUSIVO!

3 HISTÓRIAS  
DE AMOR EM  
1 SÓ LIVRO



ALI HAZELWOOD

# Odeio *te amar*



Título original: *Loathe to Love You*

Títulos originais das histórias: *Under One Roof*, *Stuck with You* e *Below Zero*

Copyright © 2023 por Ali Hazelwood

*Sob o mesmo teto*, *Presa com você* e *Abaixo de zero*

Copyright © 2022 por Ali Hazelwood

Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução*: Roberta Clapp

*preparo de originais*: Melissa Lopes Leite

*revisão*: Carolina Rodrigues, Jean Marcel Montassier e Mariana Bard

*diagramação e capa*: Gustavo Cardozo

*ilustração de capa*: lilithsaur

*impressão e acabamento*: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

H337a

Hazelwood, Ali

Odeio te amar / Ali Hazelwood ; tradução Roberta Clapp. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2023.  
352 p. ; 23 cm.

Tradução de: *Loathe to love you*

ISBN 978-65-5565-478-3

1. Ficção italiana. I. Clapp, Roberta. II. Título.

23-82310

CDD: 853

CDU: 82-3(450)



---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br



## *Sumário*

Sob o mesmo teto **7**

Preso com você **121**

Abaixo de zero **227**

Capítulo extra **337**

Agradecimentos **349**

# Sob o *Mesmo Teto*



Para Becca, a melhor pessoa do mundo e a que  
deu a melhor ideia de todas.



# Prólogo

## PRESENTE

Olho para a pilha de louça na pia e chego a uma dolorosa conclusão: estou apaixonada.

Pensando melhor... Risca isso. Eu já sabia que estava apaixonada. Mas, mesmo que não soubesse, eis um indício inquestionável: o fato de não ser capaz de olhar para um escorredor de macarrão e uma dúzia de garfos sujos sem imaginar Liam apoiado na bancada, aqueles olhos escuros, os braços cruzados; sem ouvir sua voz severa e ao mesmo tempo brincalhona me perguntando “É uma instalação pós-moderna? Ou só acabou o detergente?”

Eu me dou conta disso logo depois de chegar em casa tarde e perceber que ele deixou a luz da varanda acesa para mim. Isso... Ah, isso sempre faz meu coração disparar de um jeito meio gostoso, meio aflitivo. Outra coisa que também faz o coração disparar: quando me lembro de apagá-la depois de entrar. Algo bastante atípico para mim e possivelmente um sinal de que a gororoba de chia que ele vem me servindo no café da manhã toda vez que estou atrasada para o trabalho está realmente deixando meu cérebro mais inteligente.

Que bom que eu decidi me mudar. É o melhor a fazer. Essas palpitações são insustentáveis a longo prazo, tanto para minha saúde mental quanto

para o sistema cardiovascular. Sou apenas uma mera iniciante nessa coisa de estar apaixonada, mas posso afirmar com conhecimento de causa que morar com um cara que você antes odiava e por quem, de alguma maneira, acabou se apaixonando *não é* uma atitude sensata. Confie em mim: eu tenho um doutorado.

(Em uma área totalmente distinta, mas ainda assim...)

Sabe o que é bom em estar apaixonada? O frio na barriga constante, que me faz olhar para a pilha de louça e achar que limpar a cozinha pode ser uma atividade divertida. Quando Liam entra, estou dando conta da urgência inesperada de encher a máquina de lavar louça o mais rápido possível. Olho para ele, noto a maneira como esse homem praticamente preenche o batente da porta e ordeno ao meu coração que não dispare. Ele o faz mesmo assim, e dá até uma aceleradinha extra só para me mostrar quem é que manda por aqui.

Meu coração é um babaca.

– Você provavelmente está se perguntando se tem um atirador de elite apontando pra mim, me forçando a lavar a louça – digo para Liam.

Sorriso para ele sem de fato esperar que ele retribua o sorriso, porque, afinal, é o Liam. É quase impossível decifrar sua expressão, mas faz tempo que parei de tentar *ver* se ele acha graça das coisas e apenas me permito *sentir*. É uma sensação gostosa e acolhedora, e quero me banhar nela. Quero fazê-lo balançar a cabeça, dizer “Mara” naquele tom dele e rir a contragosto. Quero ficar na ponta dos pés, esticar a mão para afastar a mecha de cabelo escuro da testa dele, me aninhar no seu peito e sentir o cheiro fresco e delicioso de sua pele.

Mas duvido que *ele* queira qualquer uma dessas coisas. Então me viro para lavar uma tigela de cereal escondida sob o escorredor de macarrão.

– Achei que um dos esporos parasitas que a gente viu naquele documentário estivesse controlando a sua mente – rebate ele.

Sua voz é grave. Intensa. Eu vou sentir tanta falta dela, mas *tanta...*

– Eram cirrípedes. Tá vendo? Eu sabia que você tinha pegado no sono no meio do vídeo. – Ele não responde. O que é bom, porque... é o Liam. Um sujeito de poucos sorrisos e ainda menos palavras. – Então, sabe o cachorro do vizinho? Aquele filhote de buldogue francês? Ele deve ter fugido durante um passeio, porque veio correndo na minha direção do nada, no



meio da rua. Com a guia presa no pescoço e tudo. – Estico o braço para pegar um pano de prato e minha mão esbarra nele. Ele está parado bem atrás de mim agora. – Opa. Desculpa. Enfim, eu trouxe o cachorro de volta pra casa e ele é tão fofinho...

Eu paro. Porque de repente Liam não está apenas parado *atrás de* mim. Estou sendo espremida contra a pia, os ossos do meu quadril encostando na bancada, e tem uma parede de calor gigantesca às minhas costas.

*Ai, meu Deus.*

Ele... Ele tropeçou? Deve ter tropeçado. Isso é um acidente.

– Liam?

– Tudo bem por você, Mara? – pergunta ele, mas sem se afastar.

Ele fica exatamente onde está, a parte da frente do corpo pressionada contra minhas costas, as mãos apoiadas na bancada, uma de cada lado dos meus quadris, e... Isso é um sonho lúcido ou algo do tipo? É um acidente cardiovascular provocado por palpitações cardíacas? Meu cérebro está convertendo minhas fantasias noturnas mais constrangedoras em alucinações?

– Liam? – Minha voz sai em um gemido, porque ele está cheirando meu cabelo.

Sinto seu nariz e sua boca bem acima da minha têmpora, e parece algo deliberado. Está bem longe de ser um acidente. Ele está...? Não. Não, com certeza não.

Mas suas mãos deslizam pela minha barriga, e é esse gesto que me sugere que isso aqui é diferente. Não parece um daqueles momentos em que nossos braços se tocam por acidente no corredor e nos quais ando pensando obcecadamente – vivo repetindo a mim mesma para parar com isso. Não parece aquela vez que tropecei no fio do computador e quase caí no colo dele nem o instante em que ele gentilmente segurou meu pulso para ver se a queimadura que sofri enquanto cozinhava tinha sido muito feia. Isso parece...

– Liam?

– Shhh. – Sinto seus lábios na minha têmpora, quentes e reconfortantes.

– Tá tudo bem, Mara.

Algo quente e líquido começa a rodopiar dentro da minha barriga.



## Capítulo Um

### SEIS MESES ATRÁS

– Acho nada a ver dizer que, quando duas pessoas se dão bem de primeira, *o santo delas bateu*. Como assim o “santo bateu”? Eles trocam soquinhos camaradas? De onde saiu isso? Não faz o menor sentido. Ser legal com a pessoa que divide a casa com você não adianta nada, então? Porque, se o tal santo não “bater”, não tem mais nada a fazer...

– Moça? – diz o motorista do Uber, parecendo se sentir culpado por interromper minha lenga-lenga pré-apocalíptica. – Só pra avisar que estamos a uns cinco minutos do seu destino.

Dou um sorriso que é um misto de “Obrigada” e “Desculpa” e olho para o celular. Os rostos das minhas duas melhores amigas ocupam a tela inteira. Então, no canto superior, estou eu: mais carrancuda do que de costume (o que se justifica), mais pálida do que de costume (será que isso é possível?) e mais ruiva do que de costume (deve ser o filtro, né?).

– É um questionamento totalmente válido, Mara – diz Sadie com uma expressão confusa –, e eu dou força pra você mandar as suas, hum, reclamações bastante pertinentes às autoridades linguísticas encarregadas desses assuntos, mas... na verdade eu só perguntei como foi o velório.

– Sim, Mara... como fo... velório? – pergunta Hannah.

A conexão dela está péssima, mas vamos em frente.

Isso, imagino eu, é o que acontece quando você conhece suas melhores amigas na pós-graduação: em um minuto você está feliz à beça, segurando seu diploma de engenharia novinho em folha, rindo em meio à quinta rodada de drinques Midori Sours. No seguinte, você está aos prantos porque as três seguirão caminhos separados. O FaceTime se torna tão necessário quanto o oxigênio. Não há nenhum drinque verde neon à vista. Seus monólogos levemente perturbados não acontecem na privacidade do apartamento que vocês dividem, mas no banco traseiro semipúblico de um Uber enquanto você está a caminho de uma conversa muito, *muito* estranha com alguém.

Sabe o que mais odeio nesse lance de ficar adulta? É que, em algum momento, você precisa crescer. Sadie está projetando edifícios sofisticados e ecossustentáveis em Nova York. Hannah está congelando em alguma estação de pesquisa do Ártico que a Nasa instalou na Noruega. E quanto a mim...

Eu estou aqui, em Washington, para começar no meu emprego dos sonhos – cientista da EPA, a agência de proteção ambiental americana. Em tese, eu deveria estar soltando fogos de artifício, e soltaria mesmo se me desse bem com o tal do Liam...

– O velório da Helena foi... interessante. – Eu me recosto no assento.  
– Acho que esta é a vantagem de saber que se está prestes a morrer: você começa a intimidar um pouco as pessoas. Fala pra elas que, se não tocar “Karma Chameleon” enquanto baixam o caixão, o seu fantasma vai assombrar toda a família por gerações.

– Fico feliz de você ter conseguido estar com ela nos últimos dias – diz Sadie.

Abro um sorriso, já com saudade, antes de contar:

– Ela foi uma cretina até o fim. Trapaceou na nossa última partida de xadrez. Como se não fosse ganhar de mim de qualquer maneira.

Sinto falta dela numa intensidade desmedida. Helena Harding, minha orientadora de doutorado e mentora ao longo dos últimos oito anos, era minha família de uma forma que meus parentes de sangue, frios e distantes, jamais tiveram vontade de ser. Mas ela também era idosa, sentia muitas dores e, como gostava de dizer, estava “ansiosa para encarar projetos mais desafiadores”.

– Foi muito gentil da parte dela deixar pra você a casa em Washington – comenta Hannah. Ela deve ter ido para um fiorde melhor, porque dessa vez eu consigo de fato entender o que diz. – Agora você vai ter um lugar seu, não importa o que aconteça.

É verdade. Tudo isso é verdade, e sou imensamente grata. O presente de Helena foi tão generoso quanto inesperado, sem dúvida a coisa mais gentil que alguém já fez por mim. Mas a leitura do testamento foi há uma semana, e tem algo que não tive oportunidade de contar às minhas amigas.

– Sobre isso...

– Ih... – Vejo dois pares de sobrancelhas arqueadas. – O que aconteceu?

– É... complicado.

– *Adoro* – diz Sadie. – É dramático também? Deixa eu pegar uns lençinhos.

– Não sei direito ainda. – Respiro fundo para reunir forças. – A casa que Helena deixou pra mim, pelo que parece, não era exatamente... dela.

– O quê?! – exclama Sadie, abortando a missão dos lençõs e franzindo a testa.

– Bem, ela é a dona. Mas apenas... da metade.

– E quem é o dono da *outra* metade? – indaga Hannah, sempre direta ao ponto.

– Originalmente, o irmão da Helena, que morreu e deixou pros filhos. Então o mais novo comprou a parte dos outros, e agora ele é o único dono. Quer dizer, além de mim. – Eu pigarreio. – O nome dele é Liam. Liam Harding. É um advogado de uns 30 e poucos anos. E atualmente mora na casa. Sozinho.

Os olhos de Sadie se arregalam e ela exclama:

– Puta merda! Helena sabia disso?

– Não faço a menor ideia. Dá pra imaginar que sim, mas os Hardings são muito esquisitos. – Dou de ombros. – Dinheiro de família. Muito dinheiro. Pensem nos Vanderbilts. Nos Kennedys. O que essa gente rica tem na cabeça?

– Provavelmente monóculos – diz Hannah.

Assinto e dou meu palpite:

– Ou arbustos esculpidos.

– Cocaína.

– Torneios de polo.

– Abotoaduras.

– Peraí – nos interrompe Sadie. – O que Liam Vanderbilt Kennedy Harding disse sobre tudo isso no velório?

– Excelente pergunta, mas... ele não apareceu.

– Ele não foi *ao velório da tia*?

– Ele não tem muito contato com a família. Complicações de mais, suponha. – Toco o queixo. – Talvez eles estejam menos para Vanderbilts e mais para Kardashians.

– Está dizendo que ele não sabe que você é dona da outra metade da casa dele?

– Consegui o número dele e entrei em contato pra dizer que daria uma passada lá. – Faço uma pausa antes de acrescentar: – Por mensagem de texto. Ainda não nos falamos. – Outra pausa. – E, na verdade, ele não... respondeu.

– Não estou gostando nada disso – dizem Sadie e Hannah em uníssono. Em qualquer outra ocasião eu daria risada dessa sintonia entre elas, mas tem uma outra coisa que ainda não contei. Algo de que vão gostar menos ainda.

– Deixa eu contar uma curiosidade sobre Liam Harding... Vocês sabem que Helena era, tipo, a Oprah da ciência ambiental, né? – Mordo meu lábio inferior. – E que ela sempre brincava, dizendo que a família inteira era composta principalmente por acadêmicos de inclinação liberal que queriam salvar o mundo das garras das grandes corporações?

– Aham.

– O sobrinho dela é advogado da FGP Corp.

Só de dizer isso sinto vontade de fazer um gargarejo com enxaguante bucal. E ainda passar fio dental. Meu dentista ficaria orgulhoso.

– FGP Corp... Aquele pessoal dos combustíveis fósseis? – indaga Sadie, um sulco profundo aparecendo no meio da testa. – A galera do petróleo? Os magnatas?

– Isso aí.

– Ah, meu *Deus*. Ele sabe que você é cientista ambiental?

– Bom, eu dei meu nome pra ele. E pra achar o meu perfil do LinkedIn basta pesquisar no Google. Será que gente rica usa o LinkedIn?

– Ninguém usa o LinkedIn, Mara – diz Sadie, e esfrega a têmpora. – Minha nossa, isso não é bom.

– Não é tão ruim assim.

– Você não pode ir se encontrar com ele sozinha.

– Eu vou ficar bem.

– O cara vai te matar. Você vai matar o cara. Vocês vão se matar.

– Eu... talvez?

Fecho os olhos. Faz 72 horas que estou tentando me convencer a não entrar em pânico, e os resultados não têm sido muito satisfatórios. Não posso pitar agora.

– Acreditem em mim – continuo –, ele é a última pessoa com quem eu quero dividir a propriedade de um imóvel. Mas Helena deixou metade da casa pra mim, e eu meio que preciso disso. Devo uma grana em financiamento estudantil, e Washington é uma cidade muito cara. De repente eu posso ficar lá um tempinho. Economizar o dinheiro do aluguel. É uma decisão responsável em termos financeiros, né?

Sadie cobre o rosto com a mão e Hannah diz, exaltada:

– Mara, dez minutos atrás você era uma estudante de pós-graduação. Está só um pouquinho acima da linha da pobreza. *Não deixa* ele te expulsar dessa casa de jeito nenhum.

– Talvez ele nem se importe! Na verdade, saber que ele mora lá até me surpreende. Não me entendam mal, a casa é boa, mas... – Paro de falar, pensando nas fotos que vi, nas horas que passei no Google Street View aproximando as imagens, tentando assimilar o fato de que Helena se importava comigo o suficiente para *me deixar uma casa*. É uma bela propriedade, sem dúvida, mas parece mais uma residência familiar. Não é o que eu esperaria de um advogado bem-sucedido que provavelmente ganha o PIB anual de um país europeu por hora de trabalho. – Os advogados poderosos não moram em coberturas luxuosas no quinquagésimo andar de um prédio, com bidês dourados, adegas de conhaque e estátuas de si mesmos? Pelo que sei, ele mal fica em casa. Então vou simplesmente ser sincera com ele. Explicar a minha situação. Tenho certeza de que poderemos encontrar alguma solução que...

– Chegamos – diz o motorista com um sorriso.

Eu retribuo, não muito empolgada.

– Se você não mandar mensagem daqui a meia hora – diz Hannah em um tom muito sério –, vou concluir que Liam Magnata do Petróleo está te fazendo de refém no porão e vou chamar a polícia.

– Ah, não se preocupa. Lembra daquela aula de kickboxing que fiz no terceiro ano do doutorado? E daquela vez no festival do morango, quando botei pra correr aquele cara que tentou roubar a sua torta?

– Era um garotinho de 8 anos, Mara. E você *não* botou o menino pra correr. Você deu a sua torta pra ele e um beijinho na testa do moleque. Manda uma mensagem daqui a trinta minutos, ou eu vou chamar a polícia.

Eu a fuzilo com o olhar.

– Isso se um urso-polar não te atacar nesse meio-tempo.

– Sadie está em Nova York, e ela tem o telefone da polícia de Washington nos favoritos.

– Isso. – Sadie faz que sim com a cabeça. – Estou configurando aqui nesse segundo.

Começo a ficar nervosa no momento em que desço do carro, e a sensação vai piorando conforme arrasto minha mala pela calçada – uma pesada bola de ansiedade se aninhando lentamente no meu peito. Paro no meio do caminho para respirar fundo. A culpa disso é de Hannah e Sadie, cuja preocupação excessiva aparentemente é contagiosa. Eu vou ficar bem. Vai ficar tudo bem. Liam Harding e eu teremos uma conversa agradável e tranquila e encontraremos a melhor solução possível e que seja satisfatória para...

Observo o jardim de início de outono ao meu redor e perco a linha de raciocínio.

É uma casa simples. Grande, mas sem sinal de arbustos esculpidos, gazebos rococós ou aqueles gnomos assustadores. Apenas um gramado bem-cuidado com um cantinho ou outro com paisagismo, uma meia dúzia de árvores que não reconheço e um grande deque de madeira mobiliado com peças que parecem confortáveis. À luz do sol do fim da tarde, os tijolos vermelhos dão à casa uma aparência aconchegante. E cada centímetro quadrado do lugar parece salpicado com o amarelo quente das folhas de ginkgo.

Inspiro o cheiro de grama, casca de árvore e sol e, quando meus pulmões estão cheios, dou uma risadinha. Eu poderia facilmente me apaixonar por este lugar. É possível que já tenha me apaixonado? Meu primeiro amor à primeira vista?

Talvez tenha sido por isso que Helena deixou o imóvel para mim, porque ela imaginava que eu teria uma conexão imediata com ele. Ou talvez saber que ela me queria aqui faz com que eu me sinta pronta para abrir meu coração para a casa. Não importa: sinto que poderia ter um lar aqui, e Helena está mais uma vez sendo intrometida, só que agora do além. Afinal, ela vivia falando sobre como queria que eu realmente tivesse uma sensação de pertencimento.

– *Sabe, Mara, dá pra ver que você se sente sozinha* – dizia ela sempre que eu dava uma passadinha em sua sala para conversar.

– *Como você sabe?*

– *Porque só quem se sente sozinha escreve fanfics sobre The Bachelor no tempo livre.*

– *Não é fanfic. Está mais pra um metacomentário sobre os temas epistemológicos que surgem em cada episódio e... meu blog tem muitos leitores!*

– *Escuta, você é uma moça brilhante. E todo mundo gosta de ruivas. Por que não sai com um dos nerds do seu grupinho? De preferência o que não tem cheiro de adubo.*

– *Porque eles são todos uns idiotas que ficam perguntando quando eu vou desistir e me matricular em economia doméstica.*

– *Hum. Esse é de fato um bom motivo.*

Talvez Helena finalmente tivesse percebido que qualquer esperança de eu me relacionar com *alguém* era uma causa perdida e decidira canalizar seus esforços para que eu me relacionasse com *algum lugar*. Quase consigo vê-la soltando uma gargalhada de bruxa, e isso faz com que eu sinta falta dela com uma intensidade ainda maior.

Em um estado de espírito bem mais leve, deixo minha mala na varanda (ninguém vai roubá-la, não do jeito que está, coberta de adesivos do tipo EU ♥ RECICLAGEM, SALVAR O PLANETA ESTÁ EM NOSSAS MÃOS e ACREDITE EM MIM, EU SOU ENGENHEIRA AMBIENTAL). Passo a mão pelos meus longos cachos, esperando que não estejam muito revoltos (provavelmente estão). Lembro a mim mesma que é improvável que Liam Harding seja uma ameaça – apenas um garotão rico e mimado com a profundidade de uma prancha de surfe e que não pode me intimidar – e estico o braço para tocar a campainha. Só que a porta se abre antes que eu possa alcançá-la, e eu me deparo com um...



Um peitoral.

Um peitoral largo e definido sob uma camisa social. E uma gravata. E um paletó escuro.

O peitoral está ligado a outras partes do corpo, mas é tão largo que por um momento é a única coisa que dá para ver. Logo consigo ajustar o foco e finalmente noto o resto: pernas compridas e musculosas preenchendo a calça do terno. Ombros e braços se estendendo por quilômetros. Um queixo quadrado e lábios carnudos. Cabelos escuros e curtos e um par de olhos de um tom um pouco mais escuro que o dos cabelos.

Então percebo que estão fixados em mim. Analisando-me com o mesmo interesse ávido e confuso. O sujeito parece incapaz de desviar o olhar, como se estivesse enfeitiçado em algum nível elementar e profundamente físico. Fico aliviada, porque também não consigo desviar o olhar. Nem quero.

A atração que sinto por ele é como um soco na barriga. Isso confunde o meu cérebro e me faz esquecer de que estou diante de um desconhecido. De que eu deveria dizer alguma coisa. De que o calor que estou sentindo é provavelmente inadequado.

Ele pigarreja, parecendo tão atarantado quanto eu.

Eu sorrio.

– Oi – digo, um pouco sem fôlego.

– Oi. – Ele parece se sentir exatamente como eu. Umedece os lábios, como se de repente sua boca estivesse seca, e *uau*. É uma bela visão. – Posso... te ajudar em alguma coisa?

A voz dele é linda. Grave. Intensa. Um pouco rouca. Eu poderia me casar com essa voz. Eu poderia transar com essa voz. Eu poderia ouvir essa voz para sempre e abrir mão de qualquer outro som. Mas talvez eu devesse primeiro responder à pergunta.

– Você... é... mora aqui?

– Acho que sim – diz ele, como se estivesse atônito demais para lembrar. Isso me faz rir.

– Que bom. Eu vim aqui pra... – O que eu vim fazer aqui? Ah. Sim. – Eu estou procurando, é... Liam. Liam Harding. Sabe onde posso encontrá-lo?

– Aqui. Eu sou ele. – Ele pigarreja de novo. Está corando? – Quer dizer... Sou o Liam.

– Ah. – Ah, não. Ah, *não*. Não, não. Não. – Eu sou a Mara. Mara Floyd. A... amiga da Helena. Eu vim aqui por causa da casa.

A postura de Liam muda *instantaneamente*.

Ele fecha os olhos por um segundo, como alguém faz quando recebe uma notícia trágica. Por um instante, parece se sentir traído, como se alguém lhe tivesse dado um presente precioso apenas para roubá-lo de suas mãos no segundo em que foi desembrulhado. Quando ele diz “É você”, há um tom amargo em sua bela voz.

Ele vira as costas e entra pelo corredor. Eu hesito por um momento, perguntando-me o que fazer. Ele não fechou a porta, então quer que eu o acompanhe. É isso? Não faço ideia. De todo modo, sou dona de metade da casa, então provavelmente não seria invasão de propriedade, certo? Dou de ombros e me apresso atrás dele, tentando acompanhar suas pernas muito mais compridas, sem assimilar quase nada do meu entorno até chegarmos a uma sala de estar.

Que é impressionante. A casa é cheia de janelas imensas e o piso é de madeira – meu Deus, isso é uma *lareira*? Eu quero tostar marshmallows nela. Quero assar um leitão inteiro. Com uma maçã na boca.

– Estou muito feliz por podermos enfim conversar pessoalmente – digo a Liam, um pouco sem fôlego. Só agora estou me recuperando... do que quer que tenha acontecido na porta. Brinco com a pulseira no meu braço, observando-o escrever algo em um pedaço de papel. – Sinto muito pela Helena. Sua tia era minha pessoa favorita no mundo inteiro. Não sei por que ela decidiu deixar a casa pra mim, e entendo que essa divisão seja um pouco inesperada, mas...

Eu paro quando ele dobra o papel e o entrega para mim. O cara é tão alto que preciso erguer o queixo para encontrar os seus olhos.

– O que é isso?

Eu não espero pela resposta e desdobro o papel.

Há um número escrito nele. Um número com zeros. Muitos zeros. Eu olho para cima, confusa.

– O que significa isso?

Ele me encara. Não há vestígios do homem atônito e hesitante que me cumprimentou alguns minutos antes. Esta versão de Liam é friamente bonita e segura de si.

– Dinheiro.

– Dinheiro?

Ele faz que sim com a cabeça.

– Não entendi.

– Pela sua metade da casa – diz ele, impaciente, e de repente minha ficha cai: ele está tentando comprar a minha parte.

Olho para o papel. É mais dinheiro do que jamais tive – ou terei – na vida. Engenharia ambiental não é uma carreira lucrativa, pelo que parece. E eu não entendo muito sobre o mercado imobiliário, mas presumo que essa quantia esteja *muito* acima do valor real da casa.

– Desculpa. Acho que houve algum mal-entendido. Eu não vou... Eu não... – Respiro fundo. – Eu acho que não quero vender a casa.

Liam me encara, inexpressivo.

– Você *acha*?

– *Não quero*. Vender a casa, eu quis dizer.

Ele balança a cabeça uma vez, secamente. E então pergunta:

– Quanto?

– O quê?

– Quanto você quer a mais?

– Não, eu... eu não estou interessada em vender a casa – repito. – Eu simplesmente não posso fazer isso. Helena...

– O dobro é suficiente?

– *O dobro*... Como você... Você tem *cadáveres* enterrados nos canteiros do jardim?

Os olhos dele parecem blocos de gelo.

– Quanto quer a mais?

Será que ele está me ouvindo? Por que essa insistência? Para onde foi aquele rubor fofo e juvenil? Na porta, ele parecia tão...

Deixa para lá. Eu estava claramente errada.

– Eu simplesmente não posso vender a casa. Desculpa. Mas talvez a gente consiga encontrar uma outra saída nos próximos dias. Não tenho onde morar em Washington, então estava pensando em ficar aqui por um tempo...

Ele solta uma risada silenciosa. Então percebe que estou falando sério e balança a cabeça.

– Não.

– Bom... – Tento ser razoável. – A casa parece grande, e...

– Você não vai morar aqui.

Eu respiro fundo.

– Eu entendo. Mas a minha situação financeira é bastante precária. Vou começar num emprego novo daqui a dois dias, e é muito perto daqui. Seria perfeito morar nesta casa por um tempo, até eu me organizar.

– Eu acabei de oferecer para você a solução de todos os seus problemas financeiros.

Eu estremeço.

– Não é tão simples assim.

Ou talvez seja. Não sei, porque não consigo parar de me lembrar das folhas de ginkgo pousando nas hortênsias e de imaginar como elas seriam na primavera. Talvez Helena quisesse que eu visse o jardim em todas as estações. Se o desejo dela fosse que eu vendesse a casa, ela teria me deixado uma quantia em dinheiro. Certo?

– Tenho motivos pra não querer vender – continuo. – Mas a gente pode tentar arranjar uma solução. Por exemplo, eu poderia, é... alugar temporariamente a minha metade da casa pra você e usar o dinheiro pra ficar em outro lugar.

Dessa forma, eu não abriria mão do presente de Helena. Ficaria fora do caminho de Liam e acima da linha da pobreza. Bem, *um pouquinho* acima. E, no futuro, quando Liam se casar com a namorada (que provavelmente é uma CEO da Fortune 500 capaz de listar as trinta principais empresas do Dow Jones por ordem de valor de mercado e assina alguma newsletter de tratamentos alternativos esdrúxulos), se mudar para uma mansão em Potomac e iniciar uma dinastia político-econômica, eu poderia visitar este lugar. Morar aqui, como parece ter sido o desejo de Helena. Quer dizer, se até lá eu tiver recebido um aumento e puder pagar a conta de água sozinha.

É uma proposta justa, certo? Errado. Porque a resposta de Liam é:

– Não.

Caramba, ele adora essa palavra.

– Mas por que não? Você obviamente tem dinheiro...

– Quero resolver isso de uma vez por todas. Quem é o seu advogado?

Estou prestes a rir na cara dele e fazer uma piada sobre minha “equipe

jurídica” quando o iPhone dele toca. Ele verifica o identificador de chamadas e xinga baixinho.

– Preciso atender. Não sai daí – ordena ele, mandão demais para o meu gosto. Antes de deixar a sala, ele me fulmina com seus olhos frios e severos e declara: – Esta casa não é e *nunca* será sua.

Então é isso.

Essa frase é a última pá de cal. Bem, além do tom condescendente, dominador e arrogante que ele usou para falar comigo nos últimos dois minutos. Entrei nesta casa totalmente disposta a ter uma conversa produtiva. Dei a ele várias opções, mas ele me ignorou e agora estou ficando *irritada*. Legalmente, tenho tanto direito de estar aqui quanto ele, e se ele se recusar a reconhecer isso...

Bem, azar o dele.

Com a raiva borbulhando na garganta, rasgo o papel que Liam me deu e coloco os quatro pedaços sobre a mesinha de centro para que ele os encontre mais tarde. Em seguida, volto para a varanda, pego minha mala e começo a procurar um quarto que não esteja ocupado.

Adivinhem só?, escrevo na mensagem de texto para Sadie e Hannah. A *doutora* Mara Floyd acaba de se mudar para sua nova casa. E o nosso santo definitivamente não bateu.



## Capítulo Dois

CINCO MESES E DUAS SEMANAS ATRÁS

Eu não tenho tempo para isso.

Estou atrasada para o trabalho. Tenho uma reunião daqui a meia hora. Ainda preciso escovar os dentes *e* o cabelo.

Eu *realmente* não tenho tempo para isso.

No entanto, como sou boba, cedo à tentação. Bato a porta da geladeira, apoio as costas nela, cruzo os braços do jeito mais ameaçador possível e olho para Liam do outro lado da cozinha.

– Eu sei que você anda usando meu creme pra café.

É um desperdício de energia. Porque Liam fica parado ao lado da ilha, tão impassível quanto o granito da bancada, espalhando manteiga calmamente em uma fatia de torrada. Ele não responde. Não olha para mim. Apenas continua passando manteiga, imperturbável, e pergunta:

– É mesmo?

– Você não é tão furtivo quanto pensa, colega. – Dirijo a ele meu olhar mais furioso. – E, se isso por acaso for uma espécie de tática de intimidação, não está funcionando.

Ele acena com a cabeça. Ainda imperturbável.

– Já informou à polícia?

– O quê?

Ele dá de ombros, seus ombros largos e idiotas. Está vestindo um terno, porque está *sempre* vestindo um terno. Um terno de três peças cinza-escuro que lhe cai perfeitamente bem – e ao mesmo tempo nem um pouco bem, porque ele não tem o corpo de um executivo malvado. Será que, durante o treinamento obrigatório chamado “Como Matar a Terra”, ele estagiou como perfurador de plataforma de petróleo?

– Esse suposto roubo do creme pra café parece afligir demais você. Já informou à polícia?

Preciso respirar fundo. Em Washington, o crime de homicídio pode ser punido com até trinta anos de prisão. Sei disso porque pesquisei no dia seguinte à minha mudança. Se bem que o júri jamais me condenaria – não se eu contasse os horrores aos quais tenho sido submetida nas últimas semanas. Eles certamente considerariam a morte de Liam legítima defesa. Talvez até me dessem um troféu.

– Liam, eu estou me esforçando. *Estou* realmente me esforçando pra fazer isso funcionar. Já parou pra se perguntar se não é *você* que está bancando o babaca?

Desta vez ele olha para mim. Seus olhos estão tão frios que meu corpo inteiro estremece.

– Eu tentei. Uma vez. E, quando eu estava perto de um pequeno avanço, alguém começou a tocar a trilha sonora de *Frozen* no último volume.

Sinto meu rosto corar.

– Eu estava limpando meu quarto. Não fazia ideia de que você estava em casa.

– Hum.

Ele assente e então faz algo que eu não esperava: se aproxima. Dá alguns passos lentos em meio à bela combinação de eletrodomésticos ultramodernos e móveis clássicos da cozinha até ficar bem perto e acima de mim. Olha para baixo como se eu fosse uma infestação de formigas da qual ele achava que tinha se livrado havia muito tempo. Ele cheira a xampu e tecido caro, e ainda está segurando a faca de manteiga. Será que é possível esfaquear alguém com isso? Não sei, mas Liam Harding dá a impressão de ser capaz de matar alguém (ou seja, eu) com uma bexiga inflável.

– Esse seu creme pra café pode até ser um apoio emocional pra você, mas

não prejudica o meio ambiente, não, Mara? – pergunta ele, a voz baixa e grave. – Pensa no impacto dos alimentos ultraprocessados. Nos ingredientes tóxicos. Em todo aquele plástico.

Ele é tão condescendente que eu seria capaz de mordê-lo. Em vez disso, endireito os ombros e me aproximo ainda mais.

– Eu faço uma coisa da qual você provavelmente nunca ouviu falar. Se chama *reciclagem*.

– É mesmo?

Ele apoia a faca na bancada e olha para um ponto ao meu lado, na direção das lixeiras que instalei depois que me mudei para cá. Elas estão transbordando, mas só porque estive muito ocupada para levar os recicláveis até o centro de coleta. E ele *sabe* disso.

– Não tem coleta no bairro – admito. – Mas eu pretendo levar até o... O que você está...?

As mãos de Liam se fecham em volta da minha cintura, os dedos tão longos que se encontram nas minhas costas e acima do meu umbigo. Meu cérebro falha. O que diabos ele está...?

Ele me levanta até que eu esteja pairando acima do chão e, depois, sem esforço algum, me move alguns centímetros para o lado. Como se eu fosse tão leve quanto uma caixa da Amazon, uma daquelas gigantes que, por algum motivo, têm apenas um único desodorante dentro. Eu balbucio alguma coisa, o mais indignada que consigo, mas ele não presta atenção em mim. Em vez disso, abre a geladeira, pega um pote de geleia de framboesa e murmura:

– Então é melhor você ir logo – diz ele com um último olhar longo e intenso.

Ele volta para sua torrada, e eu volto a não existir em seu universo.

Maravilha.

Saio da cozinha resmungando, um pouco nervosa e absolutamente tomada por sentimentos homicidas, ainda sentindo as palmas das mãos dele pressionando minha pele. *Quando ele estiver dormindo... Eu juro que vou matá-lo quando ele estiver dormindo. Quando ele menos esperar. E depois vou comemorar jogando frascos vazios de creme para café sobre o cadáver dele.*

Dez minutos depois, estou suando de raiva, caminhando para o trabalho



durante uma videochamada emergencial de desabafo (desabafocall) com Sadie. Houve muitas dessas nas últimas semanas. *Muitas*.

– ... ele nem toma café. Isso significa que ele ou está jogando creme na privada pra me irritar, ou tomando como se fosse água... e eu sinceramente não sei qual opção seria pior, porque, por um lado, uma porção tem umas 640 calorias, e Liam mesmo assim consegue ter apenas três por cento de gordura corporal, mas, por outro, arranjar tempo na sua agenda lotada pra *me privar* do *meu* creme é um gesto de crueldade sem precedentes, que ninguém deveria jamais... – Paro de falar quando percebo sua expressão confusa. – O que foi?

– Nada.

Semicerro os olhos.

– Que olhar esquisito é esse?

– Nada, nada. – Ela balança a cabeça enfaticamente. – É só que...

– O quê?

– Você está falando sobre o Liam sem parar há – ela levanta uma sobrancelha – oito minutos seguidos, Mara.

Minhas bochechas queimam.

– Desculpa, eu...

– Não me leve a mal, eu estou *amando*. Ouvir você reclamar é minha trilha sonora favorita, recomendo demais. É que nunca te vi desse jeito, sabe? Nós moramos cinco anos juntas. Você só queria saber de concessões e harmonia e *“Imagine all the people...”*.

Eu *tento* levar a vida sem disparar raiva para todos os lados o tempo todo. Meus pais eram o tipo de gente que provavelmente não deveria ter filhos: autocentrados, nada afetuosos, impacientes para que eu sáísse de casa e eles pudessem transformar o meu quarto em um armário de sapatos. Sei conviver com outras pessoas e minimizar conflitos porque faço isso desde os 17 anos – há dez anos. *Viver e deixar viver* é uma habilidade crucial em qualquer espaço compartilhado, e eu precisei dominá-la depressa. E ainda a domino. De verdade. Só não tenho certeza se *quero* deixar Liam Harding viver.

– Estou tentando, Sadie, mas não sou eu que continua baixando o maldito termostato pra congelar a casa. Quem não se dá o trabalho de apagar as luzes antes de sair... Nossa conta de luz é *surreal*. Dois dias atrás,

cheguei em casa depois do trabalho e a única pessoa na casa era um cara aleatório sentado no meu sofá que me ofereceu meu próprio biscoito de queijo. Achei que fosse um assassino que o Liam tinha contratado pra me matar!

– Meu Deus. E era?

– Não. Era o Calvin, amigo do Liam, que é tragicamente um milhão de vezes mais legal que ele. A questão é que o Liam é o tipo de babaca que convida as pessoas pra dormirem lá quando ele não está em casa – e sem me avisar. Além disso, por que diabos ele não consegue dizer “Oi” quando me vê? E por que é psicologicamente incapaz de fechar os armários da cozinha? Ele tem algum trauma profundo que o levou a decorar a casa exclusivamente com ilustrações de árvores em preto e branco? Está ciente de que não precisa bater a porta toda vez que sai? E realmente tem que chamar seus amigos idiotas todos os fins de semana pra jogar videogame no... – Termina de atravessar a rua e olho para a tela. Sadie está mordendo o lábio inferior, pensativa. – O que foi?

– Você estava falando sem parar e não parecia precisar de mim, então fiz uma coisa.

– Que coisa?

– Pesquisei o Liam no Google.

– O quê? Por quê?

– Porque gosto de dar um rosto às pessoas de quem falo várias horas por semana.

– Faça o que fizer, *não* clica na página dele no site da FGP Corp. Não aumenta o número de acessos deles!

– Tarde demais. Ele é mesmo...

– Como se o aquecimento global e o capitalismo tivessem tido um filho que está passando por uma fase marombeira.

– Hum... Eu ia dizer “bonitinho”.

Eu bufo.

– Quando olho pra ele, tudo que consigo ver são todas as xícaras de café sem creme que tenho bebido desde o dia que me mudei.

E talvez às vezes, só às vezes, eu me lembre daquele olhar confuso e maravilhado que ele me lançou antes de saber quem eu era. E lamente um pouco. Mas quem estou tentando enganar? Devo ter imaginado coisas.

– Ele se ofereceu de novo pra comprar sua parte da casa? – pergunta Sadie.

– Ele finge que eu não existo. Bom, a não ser quando às vezes me olha como se eu fosse uma barata infestando seu espaço intocado. Mas o advogado dele me manda e-mails com propostas ridículas todos os dias. – Avisto o prédio onde trabalho, a trinta metros de distância. – Mas eu não vou vender. Vou ficar com a única coisa que Helena me deixou. E, assim que eu estiver em uma condição financeira melhor, simplesmente vou me mudar de lá. Não deve demorar muito, alguns meses, no máximo. E, enquanto isso...

– Café puro?

Eu suspiro.

– Enquanto isso, vou tomar aquele café amargo e nojento.

## CONHEÇA OS LIVROS DE ALI HAZELWOOD

A hipótese do amor  
A razão do amor  
Odeio te amar

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

